

“Morte Anunciada” é tema de livro sobre Samora Machel

– A obra do jornalista António Ramos foi lançada há dias na RAS

N. 29/6/99

“MORTE Anunciada” é o título de um novo livro sobre o despenhamento do avião que vitimou o primeiro Presidente de Moçambique independente, Samora Machel, há cerca de 13 anos, em Mbuzini, uma localidade da região sul-africana de Mpumalanga, a oeste da província meridional moçambicana de Maputo.

O livro, publicado na noite de terça-feira nas instalações da Rádio Cidade da comunidade portuguesa em Joanesburgo, é da autoria de António Ramos.

O documento não traz grandes novidades para o público moçambicano, já que o grosso do que nele se relata foi já revelado pela Imprensa de Moçambique.

Para além de voltar a “apontar o dedo” ao regime do “apartheid”, como sendo responsável pela tragédia de 19 de Outubro de 1986, o autor deste livro sugere, entretanto, que Pretória não pretendia a morte de Samora Machel.

António Ramos, radicado há mais de uma década na África do Sul, avança uma hipótese segundo a qual era intenção do regime sul-africano trazer, à força, Samora Machel a Pretória, no quadro de um plano destinado a desacreditar a sua política, na actual região da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC).

A obra argumenta que uma vez que o regime de Pretória detinha ao que o articulista apelida de “batalhão” de agentes secretos nos jornais, estações de rádio e televisão, destacando-se o actual “Canal Africa”, da Corporação da Rádio Difusão sul-africana (SABC), que transmite para Moçambique e Angola em português, era de prever que Machel fosse tratado como um reconciliado com dirigentes do regime mais repudiado do mundo.

Esta hipotética especialização, que até um certo ponto aponta-se como maqueavélica, alteraria, segundo o autor, a correlação de forças na região da África Austral, mas a favor do regime do “apartheid”.

Como sustento desta análise, “Morte Anunciada” recorda o êxito de uma operação, que se aponta como idêntica, quando a força aérea sul-africana obrigou, dois anos mais tarde, isto em 1988, o Papa João Paulo II, a aterrar no aeroporto internacional de Joanesburgo, durante a sua visita ao Lesoto.

Contudo, Pretória justificou que a operação se devia a más condições de tempo no Reino do Lesoto, todo rodeado pela África do Sul.

Mas esta argumentação careceu de plausível sustentação, pois o Papa aterrou em Joanesburgo porque a sua visi-

ta não incluía a África do Sul.

Por outro lado, o documento tenta explicar as causas que levaram o Governo de Pretória a nomear o Juiz Cecil Margo para dirigir a Comissão de Inquérito sobre o acidente que, de “ânimo leve”, concluiu que o despenhamento se deveu a erro humano.

“Morte Anunciada” denuncia que a “Comissão Margo” teria chegado aquela conclusão, que à partida se apresenta como totalmente banal, isso a avaliar por outras versões quanto ao acidente, pelo facto de o juiz Cecil estar ligado, na altura, aos interesses portugueses, na África do Sul, como também à sua “fervente” lealdade ao regime.

Realça, e isso obviamente,

que portugueses radicados na África do Sul foram um instrumento válido para o regime do “apartheid”, na sua campanha de desestabilização contra Moçambique, isso, entre 1975 e 1992.

A nomeação de Margo para dirigir a comissão teve como pano de fundo, explica o documento, a sua ligação com a comunidade portuguesa, na África do Sul, pois Pretória havia já calculado que ele (Cecil) nunca seria isento e credível nas suas investigações sobre o acidente, que vitimou não apenas Machel como também 34 membros da sua delegação.

O livro, com 109 páginas, foi preparado pela editora “Africa Repórter”.

A cerimónia do lançamento do livro, orientada pelo conceituado advogado sul-africano, Dr. José de Nascimento, contou com a presença de várias figuras sul-africanas e moçambicanas, destacando-se o Primeiro-Secretário do Consulado-Geral de Moçambique em Joanesburgo, Aristides Adriano. – (AIM)